

O significado do espaço organizacional e da sociabilidade em uma academia de ginástica da Grande Vitória

Claudia Cavalcanti¹

Resumo

O presente artigo busca compreender como a atividade física é caracterizada como mediadora da sociabilidade. Para cumprir este objetivo, este trabalho procurou entender como os modos de sociabilidade se desenvolvem em uma academia de ginástica localizada em um bairro da cidade de Vitória, Espírito Santo. Portanto, buscou-se entender como ocorre a produção do significado do espaço "Academia" como espaço de sociabilidade. No referencial teórico, foram utilizados trabalhos sobre sociabilidade urbana de Simmel (1983) e Frugoli (2007). Para as referências sobre espaço, foi utilizado o trabalho de Fantinel, Cavedon e Fischer (2012) e Chanlat (1994) e sobre o conceito de tribo, o trabalho de Cova e Cova (2001). Sobre o esporte como sociabilidade, utilizou-se Marcellino (2003). A metodologia utilizada foi uma pesquisa de campo com olhar etnográfico, utilizando-se como técnica de coleta seis diários de campo e cinco entrevistas. O trabalho mostra a Academia como um espaço heterogêneo, onde se identifica por um lado, uma sociabilidade considerada como intraclassista, ou seja, ligadas à ideia de que tais relações são praticadas entre "iguais" e por outro lado, houve a identificação de atitudes "blasé" abordadas por Simmel (1983).

Palavras-Chave: Sociabilidade; Academia; Interação.

This article aims to understand how physical activity is characterized as a mediator of sociability. In order to fulfill this objective, this work sought to understand how the modes of sociability are developed in a gym located in a neighborhood of the city of Vitória, Espírito Santo. Therefore, we sought to understand how the production of the meaning of space "Academia" occurs as a space of sociability. In the theoretical reference, works on urban sociability of Simmel (1983) and Frugoli (2007) were used. For the references on space, we used the work of Fantinel, Cavedon and Fischer (2012) and Chanlat (1994) and on the concept of tribe, the work of Cova and Cova (2001). Regarding sport as sociability, Marcellino (2003) was used. The methodology used was a field research with an ethnographic approach, using as a collection technique six field diaries and five interviews. The work shows the gym as a heterogeneous space, where one identifies on the one hand, a sociability considered as intraclassist, that is, linked to the idea that such relations are practiced between "equals" and on the other hand, there was the identification of "Blasé" approach by Simmel (1983).

¹ Doutoranda e Mestre em Administração pela Universidade Federal do Espírito Santo

Keywords: Sociability; Gym; Interaction.

1. Introdução

A adesão às atividades físicas tem sido cada vez maior por parte da população brasileira. Para confirmar isto, pesquisa realizada pela Vigitel, em 2014, (Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas), indicou que houve um crescimento entre 2010 e 2014 de 11% no número de pessoas que realizam exercícios no tempo livre.

Alguns estudos enfatizam as motivações que levam as pessoas a praticarem exercícios físicos. Vlachopoulos e Michailidou (2006) indicam que as motivações estão relacionadas ao bem-estar mental. Balbinotti e Capozzoli (2008) identificaram, em suas pesquisas com 300 praticantes de academias em Porto Alegre, que a dimensão Saúde é a mais motivadora para os praticantes, entre o grupo jovem adulto e meia-idade, considerando a dimensão Sociabilidade menos importante. Balbinotti et al. (2015), ao realizarem uma pesquisa sobre motivações relacionadas à corrida de rua, indicaram que a Sociabilidade e a Competitividade foram consideradas como significativamente mais importantes para o grupo pesquisado que vem praticando exercícios por mais de um ano.

No contexto das academias de ginástica, Marcellino (2003) indica que a proliferação das academias de ginástica é uma realidade em todo o mundo, e a rotatividade de alunos é um fenômeno que estimula os profissionais e pesquisadores da área a investigar os motivos atribuídos à permanência nos programas estruturados de exercícios físicos oferecidos nestes espaços. No quesito Sociabilidade, o autor indica que as relações sociais são um dos atrativos da academia, apesar de não ser um espaço construído com esse enfoque, promove experiências de lazer a partir do interesse social (MARCELLINO, 2003).

O foco desta pesquisa, portanto, será no quesito Sociabilidade, mas com uma visão interpretativista e não quantitativa como a pesquisa de Balbinotti et al (2005). Nesse contexto interpretativista, a pesquisa abordará a sociabilidade com base na obra de Simmel (1983), que em tempos mais recentes tem sido utilizada por teóricos contemporâneos, embora ela tenha sido relativamente

negligenciada pelos sociólogos do esporte (GIULIANOTTI, 2005). No entanto, pelo fato de Simmel (1983) ilustrar suas discussões sociológicas da vida moderna, nada impede que sua abordagem seja apropriada para a análise de fenômenos como a sociabilidade e identidade no contexto dos esportes modernos (GIULIANOTTI, 2005).

Fantinel, Cavedon e Fischer (2012) ressaltam a importância de se problematizar o espaço simbólico organizacional, em função da lacuna existente em estudos na área de Administração. Ficou evidente também uma carência de trabalhos qualitativos interpretativistas no campo das academias de ginástica, fator este que impulsionou o desenvolvimento deste trabalho. Portanto, o objetivo desta pesquisa é entender como a atividade física é considerada como mediadora da sociabilidade em uma academia de ginástica na cidade de Vitória no Espírito Santo, ou seja, buscou-se entender como ocorre a produção do significado do espaço “Academia” como espaço de sociabilidade.

O presente artigo está organizado da seguinte forma: primeiramente, é apresentado um referencial teórico sobre sociabilidade; em seguida, sobre tribos e o espaço organizacional Academia e seus significados, a partir de uma contextualização da organização no tempo e no espaço; depois são expostas a metodologia e a análise dos dados, finalizando com as considerações finais.

2. Referencial teórico

2.1. A sociabilidade

De acordo com Simmel (1983), a sociedade é composta por processos de interação microssociológicos onde se constituem as sociações, não bastando apenas a interação, ou seja, é preciso que esses indivíduos em interação formem uma unidade, uma sociedade. Simmel (1983) acredita, portanto, que a sociedade não é composta apenas por indivíduos, mas indivíduos em interação.

Partindo dessas considerações, o autor parte das diferenças entre a vida individual e a vida social, ressaltando que a unidade do grupo precisa ser tratada como se fosse um sujeito, com leis e características próprias. No centro desta

diferença, está a característica dos grupos de terem propósitos e objetivos mais definidos que os individuais. Mas é no conceito de sociação, que Simmel desenvolve suas análises mais profundas dentro da sociedade, pois para o autor ela constitui as relações evanescentes tão presentes na modernidade.

Para Simmel (1983), a sociedade deve ser refletida a partir do binômio “forma e conteúdo”. Na definição do entendimento do conteúdo da sociação, Simmel aborda que o conteúdo da sociação é tudo o que existe no indivíduo, tais como: impulsos, interesses finalidades, tendências, entre outros. Isto é, conteúdo seria tudo aquilo que se encontra presente no indivíduo cujo objetivo consiste em causar ou mediar os efeitos sobre o outro, ou então, receber esses efeitos dos outros (SIMMEL, 1983).

Para Simmel (1983), a sociação só começa a existir quando a coexistência isolada dos indivíduos adota formas determinadas de cooperação e de colaboração que caem sob o conceito geral de interação. A sociação é, assim, a forma realizada de diversas maneiras, na qual os indivíduos constituem uma unidade dentro da qual se realizam seus interesses. Logo, o conteúdo por si só não faz nenhum sentido para sociação, isto é, a interação. Estes, por sua vez, só passarão a fazer parte da dinâmica interacional quando deixarem de ser meros conteúdos individuais, isolado do indivíduo, e se transformarem em formas de estar com o outro em determinada sociação. A sociação é, portanto, a forma na qual os indivíduos, em razão de seus interesses sensoriais, ideais, momentâneos e duradouros se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade, onde esses interesses se realizam (SIMMEL, 1983).

Desta sociação, emerge o conceito de Sociabilidade. Simmel (1983) coloca que as diferentes formas de sociabilidade remetem à noção de ação recíproca. Frúgoli (2007), ao relatar Simmel em seu livro sobre a sociabilidade urbana, entende que parte da formação e de certos desdobramentos do campo da antropologia urbana pode ser compreendida mais claramente por meio de aproximações, afastamentos e diferenciações com a sociologia urbana, tendo em vista o diálogo estabelecido entre essas duas perspectivas a partir da Escola de Chicago. Segundo Frúgoli (2005), a Escola de Chicago foi a primeira a tomar a cidade como “laboratório privilegiado de análise da mudança social” e a

formular uma “concepção espacializada do social e, reciprocamente, socializada do espaço”.

Nesse sentido, Frúgoli (2007) coloca que o conceito da Escola de Chicago para Sociabilidade é entendido como uma consideração dos modos, padrões e formas de relacionamento social concretos em contextos ou círculos de interação e convívio social. Foi a partir dessa Escola que se passou a entender as conexões entre a Sociabilidade e a vida moderna, por meio da convivência, interação, socialização, associação e localização espacial. Isto implica dizer que, num dado plano de interações, tudo pode ser sociabilidade.

A partir desse quadro, a Escola de Chicago passou a abordar a proximidade física e a distância social e levou à frente uma prática pioneira de pesquisas etnográficas em campos como os da marginalidade, segregação étnica, criminalidade, prostituição, delinquência e das várias formas de interação nos espaços públicos, sendo que muitos estudos mostravam também haver uma “organização” ou “ordenação” internas a esses locais ou fenômenos, o que ajudou aos poucos a sublinhar a diversidade constitutiva do contexto urbano. (FRÚGOLI, 2005).

Simmel (1983), ao abordar Berlim, cidade em que ele vivia, introduz o conceito de “Blasé”, que significa reservado, insensível e indiferente. O que Simmel queria dizer é que, do mesmo modo que a cidade é o centro da circulação do dinheiro, ela é um lugar propício para a atitude blasé. Como na metrópole a concentração é muito grande, exige-se do indivíduo o máximo de seus nervos, ou seja, o caráter blasé, que é a indiferença diante de tudo e de todos, revertendo em uma desvalorização de tudo e todos, e, por fim, no sentimento de depreciação da própria individualidade. Para Simmel (1983), viver na cidade grande supõe sempre estratégias de sobrevivência em meio à concentração, e tais estratégias são na maioria das vezes traduzidas em comportamentos estilizados.

Simmel (1973) explica que, na atitude blasé, a autopreservação da personalidade é alcançada ao preço da desvalorização de todo mundo objetivo, ou seja, uma desvalorização que no final arrasta a personalidade da própria pessoa para uma sensação de igual inutilidade. Além disso, sua autopreservação em face da cidade exige dele um comportamento de natureza

social negativa, como a reserva. Essa reserva assume a forma de um fenômeno mais geral da metrópole, conferindo ao indivíduo uma quantidade e qualidade de liberdade pessoal que não tem analogia sob outras condições. Esse aumento da liberdade está relacionado ao crescimento dos círculos sociais. Segundo Simmel (1973), os pequenos círculos permitem apenas relações restritas com os outros grupos e não podem permitir a liberdade individual e o desenvolvimento interior e exterior próprios, uma vez que guardam as realizações, a conduta de vida e a perspectiva do indivíduo.

Para Frúgoli (2007), ao abordar Simmel, num dado plano de interações, tudo pode ser considerado sociabilidade. Na obra *A representação do eu na vida cotidiana* de Goffman (1975), o foco de análise é dirigido para a interação face a face, e o autor utilizou-se de metáforas sobre a representação teatral para descrever tais interações. A tese central é, portanto, que os indivíduos em situação de interação “representam” de forma similar ao realizado pelos atores em uma peça teatral. O trabalho de descrição destas representações lança mão de outros conceitos relacionados ao teatro, com os de “desempenho”, “cenário”, “expressão” e “plateia”.

2.2. O espaço “academia” e o conceito de “tribo”

Nesse contexto de interação, Frúgoli (2007) enfatiza o Contexto, onde as relações de sociabilidade são vistas como espécies de espaço comunicacionais e é por meio dessa interação entre grupos, redes e indivíduos, que se definem e redefinem simbolicamente certas diferenças socioculturais. Essa necessidade de fazer parte de grupos é vista como uma oportunidade do indivíduo reforçar laços sociais ou estabelecer sociabilidade, uma vez que a sociedade é um produto de elementos desiguais. (SIMMEL, 1983).

Na visão de Chanlat (1994), há uma relevância da dimensão do espaço no contexto das organizações, pelo fato de que o espaço fixa de alguma forma, a identidade social e pessoal e que dele emanam aspectos afetivos e sociais. Para o autor, o espaço configura-se como categoria social, ou seja, o campo que estrutura as interações.

Uma outra leitura sobre sociabilidade, no olhar de Simmel (1983), advém da qualidade intraclassista, que está ligada à ideia de que tais relações seriam praticadas entre “iguais”. Desse conceito, emergem as pesquisas sobre os espaços sociais onde predominam a condição social, valores e sentidos compartilhados. Bairros residenciais são marcados normalmente por determinada homogeneidade, onde se articulam sociabilidade, vizinhança e comunidade. Nesse sentido, ao invés de interação entre estranhos, aqui os indivíduos se conhecem e interagem regularmente (FRÚGOLI, 2007).

Dentro desses bairros, encontramos as Academias de ginástica. Segundo Marcellino (2003), a academia é um espaço de lazer, que abarca conteúdos físico-esportivos como principal manifestação. As academias ganham cada vez mais espaço no contexto social, porque além de promoverem a atividade física, envolvem a socialização entre as pessoas e geram encontros. O autor ainda coloca que as relações sociais são um dos atrativos da academia, apesar de não ser um espaço construído com esse enfoque, promove experiências de lazer a partir do interesse social. A sociabilidade, portanto, apresenta um evidente grau de importância tanto entre homens quanto para mulheres.

Nesse contexto do espaço Academia, surgem as pequenas tribos que são identificadas dentro desses espaços. Cova e Cova (2001) afirmam que as tribos são difíceis de serem identificadas, pois não são muito claras. Para os autores, as tribos são agrupamentos mutáveis de pessoas emocionalmente conectadas com os quais os seus membros se identificam. As evidências físicas das tribos se referem ao momento nos quais os membros da tribo se reúnem para os seus rituais (ocasiões) e aos espaços físicos ou virtuais (instituições) onde os membros se reúnem.

Fazendo uma relação de tempo e espaço, Cova e Cova (2001) colocam que, em termos de tempo, as tribos surgem, crescem, alcançam seu pico, enfraquecem e se dissolvem. Em termos de espaço, as tribos existem e ocupam um espaço físico. Cada indivíduo pertence a diversas tribos e em cada uma delas se desempenha um papel diferente. Cooper, Mchoughlu e Kecting (2005) colocam que os membros de uma tribo compartilham gostos, emoções, estilos de vida, valores e padrões de consumo, portanto, há um comprometimento simbólico com os demais membros.

No que se refere às tribos urbanas, Maffesoli (2006) chama de padrão estético o que fazem com que tais grupos se reconheçam e estabeleçam união emocional. A despeito do fato de que os parâmetros estéticos intragrupo não podem ser os únicos traços comuns para que um grupo seja considerado tribo, o padrão estético é um dos aspectos principais e mais facilmente identificados de uma tribo (MAFFESOLLI, 2006).

3. Metodologia

Esta pesquisa possui uma abordagem interpretativista dos elementos simbólicos de uma Academia de Ginástica. Para o desenvolvimento deste trabalho, foi realizada uma pesquisa de campo com olhar etnográfico, utilizando-se como técnica de coleta seis diários de campo e cinco entrevistas não estruturadas.

Os seis diários de campo e as entrevistas foram realizados entre os meses de junho e julho de 2015, período em que observou o funcionamento, a rotina e as interações sociais deste espaço. O horário de observação foi durante a parte da manhã, horário de grande circulação na academia. Os diários de campo produzidos foram narrados e detalhados com base nos sentimentos e impressões da pesquisadora em função dessa vivência.

A coleta dos dados foi realizada a partir das entrevistas e das observações. Foram entrevistadas duas alunas, um professor de aulas coletivas, um *personal trainer* e a guardadora de bolsas da academia. As entrevistas foram compostas de perguntas abertas, com o objetivo de deixar os informantes à vontade na condução das respostas. Para a análise dos dados de campo, a técnica utilizada foi a análise de conteúdo, a qual consiste, segundo Krippendorff (1990), a partir dos dados obtidos, formular inferências em relação aos aspectos de seu contexto, justificando tais inferências em função do que se sabe acerca de determinados fatores do sistema em questão. A escolha do local se deu em função da pesquisadora ser uma nova frequentadora do local e possuir um olhar de “estranhamento” para este novo ambiente de convívio social.

4. Análise e interpretação dos dados

A academia pesquisada, objeto de análise deste estudo, funciona há mais de 13 anos e é localizada no bairro da Praia do Canto, Vitória, Espírito Santo. Este bairro é considerado como de classe média alta à alta. Sua infraestrutura é composta por três andares climatizados, com sistema de som embutido, uma sala de musculação, uma sala com aparelhos cardiovasculares como esteira, *transport*, escada ergométrica e bicicleta ergométrica, uma sala para a prática de *Spinning*, 2 amplas salas para uma variedade de modalidades de ginástica, como aulas de abdominal, alongamento, Local, *Jump*, danças diversas e circuitos funcionais. A academia oferece também aulas de defesa pessoal e judô. Possui o *Child Care*, onde os filhos dos alunos podem ficar com recreadoras, ocupando o tempo com atividades educativas e divertidas, enquanto seus pais fazem suas atividades físicas.

A academia possui 43 colaboradores divididos em: 1 Gerente, 1 coordenador técnico, 1 responsável pela manutenção, 4 consultoras, 3 recepcionistas, 15 professores de Musculação, 9 professores de ginástica, 2 professores de lutas, 4 professores de *Spinning*, 2 recreadoras e 1 pessoa responsável pelo guarda volumes.

Durante a estada em campo, diferentes formas de sociabilidade foram percebidas no espaço organizacional estudado, as quais remetem a diversas significações desse espaço. Sociabilidades que envolvem alunos, professores da academia, *Personal Trainers*, funcionários e a própria pesquisadora.

O primeiro espaço analisado foi o Hall de Entrada da Academia, que possui um grande balcão, poltronas e uma mesa com quatro cadeiras. Neste espaço, percebe-se claramente o “entra e sai” da Academia, o que facilita no entendimento do perfil dos alunos. Neste espaço, alguns alunos e professores sentam ali para bater papo, falar ao celular, tratar de algum assunto particular ou simplesmente aguardar alguém ou “fazer hora”. Neste espaço, também se realizam os pagamentos das mensalidades e os registros biométricos, ou seja, alunos que tem seus contratos vencidos, não conseguem passar, pois o registro biométrico transmite um aviso para a tela do computador com um sinal verde para contratos que estão em andamento, amarelo para os contratos que estão próximos do vencimento ou vermelho se já estão vencidos. Foi presenciado um

episódio um tanto constrangedor nesse local, quando uma aluna, bem senhora, tentou entrar sem estar com o contrato em dia. Neste momento, a recepcionista alertou sobre o contrato vencido, e a aluna relatou que estava sem talão de cheques. A recepcionista pediu para aguardar, pois já havia sido concedida uma permissão de entrada.

Ao subir o primeiro degrau, encontra-se o “Espaço Wellness”, que significa Espaço Bem-Estar. Este espaço conta com 2 notebooks, 2 mesas altas sem cadeiras com jornais do dia e uma máquina de café. Apesar de ser um espaço que tenha o conceito de sociabilidade explícito na sua proposta, durante a observação deste espaço, não foi identificada interação entre as pessoas. Foram observadas pessoas retirando o café e subindo para a academia ou descendo para irem embora, ou seja, trata-se de um espaço “de passagem”. Outras pessoas leem jornal, mas, em todas as observações, não foi identificado o uso dos *notebooks*.

No segundo andar da academia, encontram-se dois amplos salões de musculação, banheiros e logo em frente à escada, o guarda-volumes. Este local tem uma relação simbólica com a academia. Este espaço é de grande sociabilidade, onde se observam alunos e professores interagindo. Isto se deve muito ao perfil da profissional que trabalha no guarda-volumes, cujo nome é Nilceia. Nilceia possui uma forte interação com alunos e professores, pois ao mesmo tempo em que ela recebe e entrega as bolsas de todos, vende água mineral e energético, revende cosméticos e produtos nutricionais. Também revende frutas, como morangos e bananas para um rapaz, conhecido como “Alemão”, também querido por todos na academia. Nilceia está há sete anos na academia e, além de suas atribuições normais, é uma espécie de “psicóloga” de todos. Tanto alunos, professores e *personal trainers* conversam muito com ela, que se diz amiga de praticamente quase todos. Ao lado do guarda-volumes, existem alguns bancos acolchoados, onde os *personal trainers* interagem e ficam aguardando seus alunos/alunas. Alguns alunos sentam ali também para conversar, o que indica ser um espaço de interação.

Nilceia fez uma breve narrativa da sociabilidade observada na academia. No que concerne à relação professor e aluno, ela coloca que existem professores que se juntam a alunos para correr na praia, e alunos que fazem festa surpresa

de aniversário para os professores. Ela diz que a relação dos alunos extrapola o espaço academia, e que, às vezes, alguns alunos combinam entre si para irem à padaria comer alguma coisa. Professores, por sua vez, saem para comer pastel na feira, que acontece toda quinta-feira atrás da academia, também combinam de jantar fora etc. Ela relata que, algumas vezes, alguns alunos dizem que vão para a academia só para “esfriar a cabeça”, ou seja, não vão com o foco estético, mas com o objetivo de se distrair um pouco, “bater um papo”.

O perfil dos alunos da academia é bem diversificado. Há um equilíbrio entre homens e mulheres e alunos extremamente jovens até pessoas mais idosas. Não se observam muitos adolescentes. O salão de musculação é um espaço onde se vê a grande parte dos homens concentrado em um espaço de aparelhos próprios para adquirir massa muscular nos braços. Nos aparelhos para as pernas, há uma predominância do público feminino. Observa-se uma grande quantidade de *personal trainers*, e estes conversam constantemente com suas respectivas alunas. Há uma identificação desses profissionais pela cor da camisa que vestem, uma espécie de cor bege. Já os professores da academia usam a camisa de cor vermelha. A quantidade de *personal trainers* é bem superior aos professores da academia, o que torna possível constatar uma preferência por estes profissionais em função do atendimento personalizado e do poder aquisitivo dos alunos que frequentam o local.

Por ter sido identificada uma forte presença desses profissionais na academia, um *personal trainer* foi escolhido para ser entrevistado. Este profissional frequenta o espaço há aproximadamente seis anos e já atuou como professor fixo da academia, mas, depois, preferiu se tornar um *personal* por ter uma maior liberdade para gerenciar seus horários. Na visão dele, os alunos que vão à academia somente nos dias que tem treino com seus respectivos “*personals*”, interagem somente com eles durante o treino e depois vão embora. Já os alunos que, apesar de terem *personal*, comparecem outros dias para fazerem treinos sozinhos, interagem mais com outras pessoas. Ele acredita que há um aumento do individualismo dentro da academia, pois tem observado pessoas que entram e saem da academia sem cumprimentar as pessoas. Algo muito colocado por ele foi a utilização de celulares e fones de ouvido durante os treinos, e que isso provoca uma redução drástica da interação entre as pessoas.

Isso confirma as atitudes “blasé” identificadas por Simmel nos centros urbanos. Já entre os “*personals*”, ele coloca que há uma amizade formada entre muitos deles, principalmente para os que ficam por muitas horas na academia, que é o caso dele. Já os que frequentam o espaço de vez em quando, para “dar uma aulinha”, a interação é muito pequena.

A outra pessoa que foi escolhida para ser entrevistada foi uma aluna desses profissionais. A aluna tem 44 anos, casada e dois filhos adolescentes e frequenta a academia desde que inaugurou há aproximadamente 14 anos. Segundo ela, conversa com aproximadamente 20 pessoas na academia. Fora do espaço da academia, tem amizade com quatro amigas, cujos vínculos foram construídos lá. Possui mais amizades com mulheres com os mesmos gostos e mesmo perfil pessoal e estético dela. Algumas amigas são mais jovens, mas, no geral, há uma homogeneidade, o que corrobora com a leitura sobre sociabilidade de Simmel (1983) sobre as relações intraclassistas, que está ligada à ideia de que tais relações seriam praticadas entre “iguais”. Também confirma o padrão estético abordado por Maffesolli (2006), que é um dos aspectos principais e mais facilmente identificados de uma tribo. Possui amizade com seu *personal* há 14 anos, cujo vínculo formado nesta academia se estendeu para fora deste espaço. Seu *personal* também presta serviços para seu marido, que também frequenta a academia em outro horário, portanto, observa-se a formação de vínculos afetivos nesta sociabilidade observada. Isto confirma a visão de Chanlat (1994), de que do espaço emanam aspectos afetivos e sociais.

O terceiro andar da academia é bem heterogêneo. De um lado, existe um espaço onde se encontram os aparelhos cardiorrespiratórios, como esteira, bicicletas ergométricas, *transports* e escada ergométrica. Do outro lado, existem 3 salas para aulas coletivas, uma para a prática de *Spinning* e as outras duas para aulas de ginástica localizada, dança, entre outras. Entre um espaço e outro, existe o *Child Care*, que é o espaço onde as crianças, filhos dos alunos, podem ficar enquanto seus pais praticam suas atividades físicas. Do lado dos aparelhos cardiorrespiratórios, é notório encontrar alunos sozinhos, sem *personal*, onde prevalece o individualismo.

Em uma das observações, foi identificado um aluno com aparência de meia idade, de quem foi possível acompanhar a trajetória dentro da academia. Ao

entrar na academia, não cumprimentou os recepcionistas e subiu as escadas diretamente para o espaço cardiorrespiratório. Este aluno ocupou uma das esteiras e correu aproximadamente 40 minutos. Em seguida, desceu para o espaço da musculação e fez sua sessão de alongamento sem falar com ninguém. Depois disso, desceu e foi embora. Dentro do período de observação, foi possível identificar vários alunos com esse perfil, o que implica dizer que o espaço Academia é um espaço heterogêneo, onde há uma forte presença da sociabilidade, mas também de reserva por parte de algumas pessoas. Isso confirma o exposto por Simmel (1983), sobre o caráter “blasé” que as pessoas em cidades grandes vêm adotando. Mesmo que a cidade de Vitória não seja considerada uma metrópole, por ser uma capital, vem apresentando algumas características de uma cidade grande.

Outro entrevistado nesta pesquisa foi um professor de aulas coletivas. Este professor trabalha desde a inauguração da academia, há aproximadamente 14 anos e possui muitas amizades com alunos e professores. Este professor procura levar alunos da academia para um trabalho que ele realiza na Praia de Camburi, localizada na cidade de Vitória. O seu trabalho na praia é fortemente formado por indicações de alunos da própria academia e possui o foco de “Circuito”, no intuito de melhorar o condicionamento físico e tonificação muscular das pessoas. Estes encontros acontecem três vezes na semana e, na visão do professor, é um grande momento de interação e sociabilidade.

Com relação ao espaço na Academia, o professor coloca que no passado realizava muitas festas fora do espaço e que foi por meio dessas festas que muitos círculos de amizade foram formados. Atualmente, ele coloca que os eventos estão sendo mais direcionados e realizados dentro da Academia. Muitas alunas de aulas coletivas (localizada, abdômen) normalmente possuem um vínculo de amizade e sempre trocam *Whatsapp* entre elas. Na visão dele, a atividade física une as pessoas, pois todos os participantes têm uma visão em comum da saúde e do bem-estar. Ele confirma que o espaço da Academia é heterogêneo, com vários grupos homogêneos entre si e também com pessoas que não cumprimentam quase ninguém. Isto confirma novamente a ideia de homogeneidade intraclassista e do individualismo “blasé” de Simmel (1983).

Ele não identifica que as “pequenas tribos” formadas na academia são fechadas para novos entrantes. Sua visão indica que as pessoas estão procurando se socializar mais, um exemplo disso é quando alunas de outra aula coletiva vêm na aula dele e interagem com suas alunas. É possível inferir que essas “pequenas tribos” que são formadas possuem um caráter mutável, como colocam Cova e Cova (2001), pois há um constante “entra e sai” de pessoas nessas aulas. No entanto, há grupos que “são fiéis” às aulas e já as frequentam há muito tempo. Portanto, não se trata de tribos 100% mutáveis, mas uma parte delas.

Outra aluna entrevistada é uma senhora muito jovial de aproximadamente 60 anos. Ela relatou que o que mais a motiva a frequentar a academia é a saúde, seguida da estética e da sociabilidade, mas que esses três fatores são interligados. Ela colocou que muitas vezes está sem vontade de se exercitar, mas vai à Academia somente para encontrar pessoas e conversar. Ela vê a Academia como um espaço de interação entre as pessoas e relata que conseguiu construir algumas amizades que se estenderam para fora daquele espaço. Isto confirma a visão de Chanlat (1994) de que do espaço emanam aspectos afetivos e sociais. No entanto, ela não se considera pertencente a uma tribo, pois suas relações na academia são diversificadas, embora tenha conquistado essas amizades para fora da academia. Coloca que evita conversar com pessoas que “reclamam muito da vida”, pois se considera uma pessoa “pra cima” e, quando vai para a Academia, prefere manter um bom astral. Ela prefere não ter *personal*, pois não gosta de comprometimento com horário. Portanto, vai à academia nos horários em que consegue, normalmente no final da manhã, frequentando o espaço cardiorrespiratório e o salão de musculação.

5. Considerações finais

Durante o período de observação, foi possível identificar diferentes formas de sociabilidade na Academia. Várias “pequenas tribos” são formadas, vínculos afetivos são formados, comportamentos “blasé” são identificados. Observam-se também pessoas que interagem com pouquíssimas pessoas, outras que

interagem com muitas e outras que interagem somente com seu *personal*. Isto implica dizer que os significados atribuídos ao espaço Academia vão desde o caráter Saúde até a própria Sociabilidade em si. Pode-se inferir que muitos alunos acabam “unindo o útil ao agradável”, ou seja, aproveitam o espaço da Academia para manter o foco na saúde e no bem-estar e, ao mesmo tempo, se socializam com outras pessoas. Pode-se concluir também que, apesar de terem sido identificadas várias formas de sociabilidade, há uma forte presença de pessoas “reservadas” neste espaço, ou seja, que não estão ali com o propósito de interação.

Há tempos atrás, a corrida às academias parecia como uma tendência ao modismo, que acontece sempre que surgem novidades. Entretanto, nos dias de hoje, esta prática está consolidada, e as academias têm seu público específico e assíduo. O papel das academias, além de oferecer serviço especializado de atividade física e ajudar no combate ao sedentarismo, também pode ser considerado um espaço promotor de Sociabilidade. A qualquer hora do dia, se as pessoas quiserem interagir um pouco, podem seguir para a Academia, que de uma maneira ou de outra, vão encontrar alguém para conversar, desde um professor até a guardadora de bolsas. Portanto, respondendo ao objetivo desta pesquisa, de fato, a atividade física no espaço “Academia” pode ser considerada como mediadora da Sociabilidade, mesmo que nem todos os frequentadores tenham essa intenção.

6. Referências bibliográficas

BALBINOTTI, M. A. A.; CAPOZZOLI, C. J.. Motivação à prática regular de atividade física: um estudo exploratório com praticantes em academias de ginástica. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 22, p. 63-80, 2008.

BALBINOTTI ET AL. Perfis motivacionais de corredores de rua com diferentes tempos de prática. *Revista Brasileira da Ciência do Esporte*; v. 37, p.65-73, 2015.

CHANLAT, Jean-François. O ser humano, um ser espaço-temporal. In: CHANLAT, Jean-François (Coord.). *O Indivíduo na Organização: dimensões esquecidas*. V. 3. São Paulo: Atlas, 1994.

COOPER, S.; MCLOUGHLIN, D.; KEATING, A.. Individual and neo-tribal consumption: tales from the Simpsons of Springfield. *Journal of Consumer Behaviour*, v. 4, n. 5, p. 330-344, 2005.

COVA, B.; COVA, V.. Tribal Marketing: The Tribalization of Society and its impact on the Conduct of Marketing. *European Journal of Marketing*, 2001.

FRÚGOLI JR, H.. O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP. V.48, n.1, 2005.

_____. *Sociabilidade urbana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

FANTINEL, L.; CAVEDON, N.R.; FISCHER, T.. Produção de Significações do Espaço e Sociabilidade em um Café Artesanal de Salvador. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, v. 1, p. 51-74, 2012.

GIULIANOTTI, R.. The sociability of sport: Scotland football supporters as interpreted through the sociology of Georg Simmel. *International Review for the Sociology of Sport*, v. 40, n. 3, p. 289-306, 2005.

GOFFMAN, E.. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1975.

_____. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes, 2011.

KRIPPENDORFF, Klaus. *Metodología de análisis de contenido*. Barcelona: Paidós, 1990.

MAFFESOLI, M.. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MARCELLINO, N. C.. Academias de ginástica como opção de lazer. *Revista Brasileira Ciência e Movimento*, Taguatinga, v. 1, n. 2, p. 49-54, 2003.

SIMMEL, G.. *A metrópole e a vida mental*. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.) O fenômeno Urbano. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1973.

_____. Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal. In: SIMMEL, G. *Georg Simmel: Sociologia*. Organização de Evaristo de Moraes Filho. Coordenação de Florestan Fernandes. São Paulo: Ática, 1983. p. 165-181.

VIGITEL. Ministério da Saúde. Disponível em:
<<http://portalsaude.saude.gov.br/images/pdf/2014/abril/30/Lancamento-Vigitel-28-04-ok.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

VLACHOPOULOS, S.; MICHAILEDIOU, S.. Development and Initial Validation of a Measure of Autonomy, Competence, and Relatedness in Exercise: The Basic

Psychological Needs in Exercise Scale. *Physical Education and Exercise Science*, v. 10, p. 179-201, 2006.